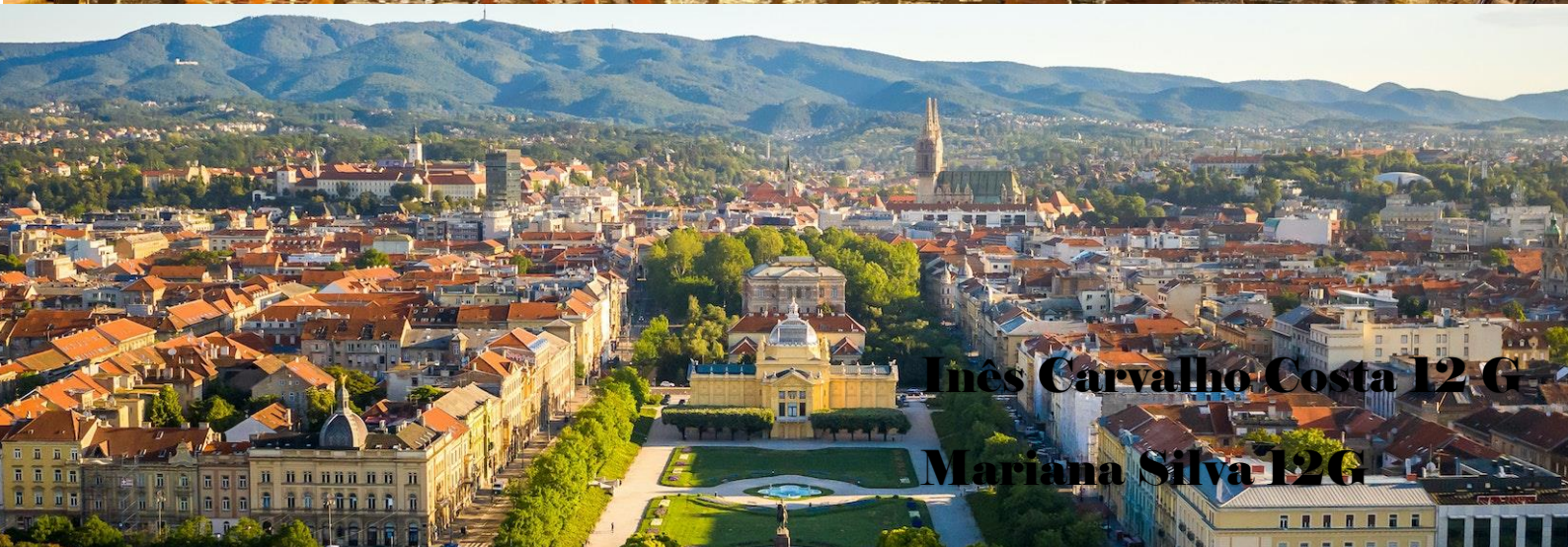




**Capitais**

**Europeias em**

**Destaque**



**Inês Carvalho Costa 12 G**

**Mariana Silva 12G**

Amsterdão .....	1
Etimologia .....	1
História .....	2
Fundação e Idade Média .....	2
Conflito com a Espanha e Era de Ouro holandesa .....	2
Declínio, modernização e século XX .....	3
Geografia .....	3
Hidrografia .....	3
Clima .....	4
Demografia .....	5
Imigração .....	5
Zagreb .....	6
Topônimo .....	6
História .....	6
Demografia .....	6
Política .....	6
Economia .....	7
Turismo .....	7
Roma .....	8
Etimologia .....	9
História .....	9
Fundação .....	10
Monarquia e república .....	11
Império .....	12
Queda do Império Romano .....	13
Idade Média .....	14
Renascença .....	16
Período contemporâneo .....	17
Geografia .....	18
Topografia e localização .....	18
Clima .....	19

# Amsterdão

Amesterdão (português europeu) ou Amesterdã (português brasileiro)[7] (em neerlandês: Amsterdam AFI: [ˌʔɑmstərˈdɑm] (escutar<sup>ⓘ</sup>)) é a capital e a cidade mais populosa do Reino dos Países Baixos. O seu estatuto de capital holandesa é garantido pela Constituição dos Países Baixos,[8] embora não seja a sede do governo holandês, que fica em Haia.[9] Amesterdão tinha em novembro de 2015, uma população de 833 989 habitantes na cidade propriamente dita, 1 603 531 habitantes em sua área urbana e 2 437 520 habitantes na área metropolitana.[4] A região da cidade tinha em 2015 uma população aproximada de 2,4 milhões de pessoas.[5] A cidade está localizada na província da Holanda do Norte, no oeste do país. É composta por grande parte da parte norte da Randstad, uma das maiores aglomerações urbanas da Europa, com uma população de aproximadamente 7 milhões de habitantes.



O nome da cidade deriva Amstelredamme,[11] uma indicação de sua origem como uma represa do rio Amstel. Originária de uma pequena vila de pescadores que surgiu no final do século XII, Amesterdã tornou-se um dos portos mais importantes do mundo durante o Século de Ouro dos Países Baixos (século XVII), como resultado de seus desenvolvimentos inovadores no comércio. Durante essa época, a cidade era o principal centro financeiro e de diamantes do mundo.[12] Nos séculos XIX e XX a cidade expandiu-se e muitos novos bairros e subúrbios foram planejados e construídos. Os canais de Amesterdão e a Linha de Defesa de Amesterdão são considerados Patrimónios Mundiais pela UNESCO.

Como a capital comercial dos Países Baixos e um dos principais centros financeiros da Europa, Amesterdão é considerada uma cidade global alfa. A cidade é também a capital cultural do país. Muitas grandes instituições holandesas mantêm suas sedes na cidade e sete das 500 maiores empresas do mundo, Philips e ING Group, baseiam-se na capital holandesa.[13] Em 2012, Amesterdão foi classificada como a segunda melhor cidade para se viver pela Economist Intelligence Unit (EIU).[14]

Entre os seus residentes famosos estão Anne Frank, os artistas Rembrandt e Vincent van Gogh e o filósofo Baruch Spinoza. A Bolsa de Amesterdão, a mais antiga bolsa de valores do mundo, está localizada no centro da cidade. As principais atrações são seus canais históricos, o Rijksmuseum, o Museu Van Gogh, Stedelijk Museum, Hermitage Amsterdam, Casa de Anne Frank, Museu de Amesterdão, sua zona de meretrício e seus muitos coffeeshops, que atraem mais de 5 milhões de visitantes estrangeiros por ano.[15]

## Etimologia

A palavra que deu origem ao nome da cidade de Amesterdão vêm do latim Homines manentes apud Amestelledamme, ou seja, "homens que vivem próximo ao Amestelledamme".

Amestelledamme é dam (dique) do rio Amstel, cujo nome pode ser interpretado como ame ("água") e stelle ("terra seca").

## História

### Fundação e Idade Média

Amesterdão localiza-se no litoral norte do país, junto ao lago IJsselmeer, formado pela construção de uma barragem, concluída em 1932. O lago encontra-se a cerca de oito metros acima do nível do mar. Amesterdão era um diminuto porto de pesca do domínio do Amstel. Séculos depois, foi se tornando comercialmente importante, porque foram construídos molhes e canais e concedidas franquias. Foi transformado em membro da Liga Hanseática em 1358 e, desde 1367, da Confederação de Colônia. Foi convertido com rapidez em um dos mais importantes portos de onde partem embarcações em direção à Renânia. Nos primeiros anos do século XVI, quando residiam mais de 30 mil pessoas, a capital neerlandesa começou a sua rivalidade com o vasto centro comercial de Antuérpia.



### Conflito com a Espanha e Era de Ouro holandesa

Em 1578 a burguesia calvinista da cidade declarou a sua independência do império colonial espanhol, que não foi capaz de subjugar-la embora as guerras se prolongassem. A Antuérpia arruinada e os religiosos perseguidos nos domínios de Filipe II da Espanha foram o motivo para instalar em Amesterdão a maioria da burguesia do comércio daquela cidade. Pouco a pouco, Amesterdão passou a dispor de uma frota marítima de grande poder, com capacidade para a criação de um império colonial concorrente do espanhol e do português, transformando-se no centro comercial e financeiro de maior atividade na Europa, primazia ostentada por aproximadamente um século. Em 1602, foram criadas na cidade a Companhia das Índias Orientais e a Bolsa de Amesterdão, cuja construção do edifício data de 1561. Em 1609, foi fundado o Banco de Amesterdão, que emitiu uma moeda valiosa pela qual mereceu, como nenhuma outra instituição financeira em seu tempo, a confiança dos comerciantes europeus.



Uma forma de governo ideologicamente muito tolerante foi adotada pela burguesia da cidade, tornando-se Amesterdão no mais importante centro editorial do continente.[18] Uma grande quantidade de membros de grupos religiosos que foram alvo de perseguição, como os judeus sefarditas — em Amesterdão nasceu o filósofo Baruch de Spinoza, que pertencia a este grupo de judeus — e huguenotes da França, ali se refugiaram, dando a sua contribuição para a criação de um ambiente de cosmopolitismo e de inovação.[18][19][20]

## Declínio, modernização e século XX

No início do século XVIII a população da cidade era superior a 200 mil amsterdaneses. Mas Londres ultrapassou a relevância econômica de Amsterdão devido à revolução industrial inglesa e o império britânico expandiu-se. Como a França ocupou a região de 1795 até 1813, o bloqueio continental, que Napoleão Bonaparte impôs, afetou gravemente a economia dependente do comércio por mar.[18][19] De qualquer forma, declarou-se capital do reino da Holanda de 1806 até 1810 e, em 1814, capital da Holanda do Norte, no reino dos Países Baixos.[18] A partir de 1830, a Revolução Belga foi o motivo da ação revitalizadora do porto de Antuérpia. Também o concorrente porto de Roterdão, com um porto com capacidade para embarcações de muitas toneladas, contribuiu para o declínio de Amsterdão. Os novos canais abertos para a navegação foram a salvação do porto da cidade, um dos de maior atividade da Europa.[18][19]



Amsterdão começou a se expandir com rapidez após 1900. Uma grande quantidade de áreas de fábricas e de novas casas apareceu na parte meridional da cidade após a Primeira Guerra Mundial.[19][21]

De 1940 até 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, as tropas nazis ocuparam Amsterdão, com perseguição aos seus habitantes, em grande número de judeus,[18][19][21] Os alemães destruíram as instalações portuárias nos últimos dias da guerra, porém a cidade recuperou-se e expandiu-se para a parte ocidental. Nos final da década de 1950, Amsterdão destacaria-se novamente como o centro financeiro e industrial dos Países Baixos.[19][21]

## Geografia

A maior parte da cidade é constituída por polders. A área urbana inclui os municípios de Aalsmeer, Amsterdão, Amstelveen, Diemen, Haarlemmermeer, Ouder-Amstel, Uithoorn, e Waterland.[nota 1] O tamanho da área urbana inteira atinge 896,96 km<sup>2</sup> mas só 718,03 km<sup>2</sup> é terra.[1][22] A área conhecida como Grande Amsterdão (Stadsgewest Amsterdam) inclui a área urbana e as cidades satélites. O total desta área é de 1 896,97 km<sup>2</sup>, sendo 1 447,36 km<sup>2</sup> constituído de terra.[1][22]



O relevo de Amsterdão é de uma região que se encontra abaixo do nível do mar. Um sistema bem projetado de canais em forma de círculos que se interligam, é a base do sistema de drenagem urbana. Esses canais, que correm à sombra de árvores, são as vias de transportes que dividem Amsterdão em ilhas. Mais de quatrocentas pontes conectam as ilhas. Constroem-se quase a totalidade das residências em cima de estacas de madeira, devido à inundação e à pouca consistência do solo.[21] Amsterdão, está dois metros abaixo do nível do mar,[9] e é banhada pelo rio Amstel, de onde vem o seu nome devido ao dique que protege a cidade contra inundações.[23]

## Hidrografia

Amsterdã é conhecida como a Veneza do norte, por ter mais de 100 quilômetros de canais, ou grachten, que formaram 90 ilhas, ligadas por cerca de 1.200 pontes. Os três canais principais (Herengracht, Prinsengracht, Keizersgracht), escavados durante o século XVII, durante o século de ouro dos Países Baixos, formam anéis concêntricos ao redor de Amsterdã, conhecidos como Grachtengordel. O anel de canais de Amsterdã abrange 2.200 construções, das quais 1.550 são consideradas históricas. O anel de canais construído no final do século XVI e século XVII é considerado Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO.[24][25][26][27]



Durante o século XIX, a qualidade da água dos canais era ruim, pois a água era estagnante e nela haviam fezes, peixes mortos e lixo. Para melhorar a situação, foi construída, em 1879, a estação de bombeamento de água de Zeebrug, que descarregava água do Zuiderzee para desestagnar as águas dos canais. A condição foi melhorada ainda mais em 1935, quando a área central da cidade foi conectada ao sistema de esgoto, porém o distrito de Grachtengordel não foi conectado até 1987. Até a data, as casas despejavam o esgoto diretamente no canal. Em 2018, todas as casas flutuantes foram requeridas a serem conectadas ao sistema de esgoto, embora é esperado que isso não ocorra até 2021. Todos os anos são retirados dos canais cerca de 60 toneladas de plásticos, 7 mil animais mortos, em sua maioria patos, e 12 mil bicicletas. A qualidade da água dos canais aparenta estar melhorando a cada ano.[28][29][30]

Não é recomendada a natação nos canais da cidade, com perigos incluindo doenças provenientes das algas, diferença em temperatura de água de cada canal e resíduos sólidos que possam ser encontrados nos canais. A autoridade supervisora dos canais de Amsterdã, Waternet, tem ambição de algum dia o canal ter águas limpas o suficientes para a natação ocorrer sem perigos. Todos os anos é realizada a Natação de Amsterdã, um evento que promove a arrecadação de fundos para a pesquisa e o combate contra a esclerose lateral amiotrófica. A qualidade da água é inspecionada meticulosamente antes do evento acontecer, e o mesmo foi cancelado em 2018, devido a suspeitas de cianobactérias presentes na água. Em 2015, 31% dos participantes ficaram doentes. Isso ocorreu devido à chuva forte, que encheu os esgotos, levando ao canal fezes e urina de humanos e ratos.[31][32][33][34]

## Clima

Amsterdã tem um clima oceânico temperado, com temperaturas que podem variar de -7 °C, no inverno, a 30 °C, no verão, embora raramente abaixo de -6 °C ou acima de 27 °C. O inverno é frio, com temperaturas ao redor de 0 °C à noite e um pouco mais quente ao dia, com a umidade e o vento podendo dar uma sensação térmica menor. Ventos vindos do oeste podem levar a temperatura a entre 10 °C e 12 °C, e os do leste podem levá-la abaixo de 0 °C. O verão é uma estação moderada, caracteriza por períodos mais quentes, entre 20 °C e 25 °C, e mais frios, abaixo de 20 °C. As noites podem ser frias, com baixas ao redor de 10 °C, e podem haver curtos períodos de calor, entre 28 °C e 30 °C.



Precipitação é relativamente abundante, com 840 mm anuais, comum e uniformemente espalhada pelo ano inteiro. A estação com mais precipitação é o outono, com entre 12 e 13 dias de precipitação, e a com menos é a primavera. O mês com mais chuva é agosto, com 55 mm, e o com menos é abril, com 18 mm. Agosto é também o mês com mais dias de chuva, uma média de 18,8, e abril o com menos dias, 12,2. Neve cai em 5 meses no ano: janeiro, fevereiro, março, novembro e dezembro. O mês com mais neve é fevereiro, com 22 mm, e o com menos é novembro, com 1 mm. Fevereiro tem 3.8 dias de neve, e novembro 0.4. A umidade relativa do ar é maior durante o mês de dezembro (86%) e menor durante abril (75%).[37][39][40]

## Demografia

Westerkerk, uma das igrejas mais conhecidas de Amsterdã

A estimativa populacional de Amsterdã em 2021 é de aproximadamente 872 922 habitantes, caracterizando um crescimento de 1% desde 2015. Com uma área de 165,5 quilômetros quadrados, isso significa que a densidade demográfica é de 5 274 habitantes por km<sup>2</sup>. A Região Metropolitana de Amsterdã tem uma população estimada de 1 158 000 habitantes em 2021, um crescimento de 0.78% em comparação com 2020. A população da cidade vem crescendo rapidamente na última década, e é esperado que até 2030 a população venha a crescer a 1 milhão de habitantes.[41][42][43]



## Imigração

A população da cidade é uma das mais diversas da Europa, sendo esperado que nos anos a seguir metade da população será estrangeira ou terá pais ou avós nascidos em outros países. Nos últimos 50 anos, houve um número grande de imigrantes, principalmente vindos do Suriname, Turquia e Marrocos. Cerca de 49% da população tem descendência holandesa, 9% marroquina, 8% surinamesa, 5% turca e 2% antilhana, 16% europeia e estadunidense e 11% de descendência de outros países não-europeus. Para pessoas abaixo de 15 anos, a descendência marroquina, surinamesa, turca e de outros países não-europeus é mais comum.[44][45]

# Zagreb

Na sua forma aportuguesada, Zagrebe[2][3][4] é a capital e maior cidade da Croácia. Localizada entre a margem do rio Sava e a encosta do monte Medvednica, situa-se 120 metros acima do nível do mar, nas coordenadas 45°48'N 15°58'E. Uma encruzilhada entre a Europa Central e o Mar Adriático, Zagreb concentra indústria, instituições científicas, órgãos administrativos nacionais e ministérios.



## Topônimo

Em português é por vezes usada a grafia aportuguesada Zagrebe.[5][6][7] Em italiano denomina-se Zagabria e em húngaro Záhgráb na língua corrente, enquanto que no passado foi chamada em alemão e russo Agram, em grego Ἀγρᾶνοβ.

## História

Embora a presença humana já existisse na região desde o Neolítico, o nome Zagreb foi registrado pela primeira vez no século XI (1094). Naquele ano, o rei húngaro Ladislau I (László I em húngaro) fundou uma diocese no monte Kaptol. Uma comunidade secular independente formou-se num monte vizinho, chamado Gradec. Ambas as localidades sofreram com a invasão mongol de 1242; quando os mongóis se retiraram, o rei Bela IV (Béla IV em húngaro) proclamou Gradec uma cidade real autônoma, de modo a atrair artesãos estrangeiros.

Durante os séculos XIV e XV, as duas comunidades competiram econômica e politicamente. Finalmente, no século XVII, os dois montes medievais, Gradec e Kaptol, fundiram-se numa só comunidade, Zagreb. Hoje formam o centro cultural da cidade moderna. A diocese católica de Kaptol tornou-se a de Zagreb.

Durante a época austro-húngara, a cidade era chamada pelo nome alemão, Agram. Aos poucos, a cidade cresceu e incorporou comunidades ao redor.

## Demografia

A população da cidade é de 973 667 habitantes (censo de 2005). Seus habitantes chamam-se zagrebinos. Zagreb é a maior cidade da Croácia e a única cuja área metropolitana tem mais de um milhão de habitantes (1 088 841, conforme o censo de 2001).

Os croatas formam a maior parte dos habitantes da cidade, com 91,94%. As minorias étnicas incluem sérvios (18 811, ou 2,41%), bósnios (6 204 ou 0,80%), albaneses (3 389 ou 0,43%), eslovenos (3 225 ou 0,41%), ciganos (1 946 ou 0,25%), montenegrinos (1 131 ou 0,17%), macedônios (1 315 ou 0,17%) e outros.

## Política

A cidade de Zagreb goza do estatuto de condado. O governo da cidade é dirigido por um prefeito eleito pela Assembleia Municipal.

A Assembleia Municipal compõe-se de 51 representantes.



## **Economia**

A maior parte da produção industrial da Croácia está concentrada em Zagreb, como os setores de processamento de metais, equipamentos elétricos, têxteis, produtos químicos e farmacêuticos, gráficas e papéis, couros, processamento de madeira etc.

## **Turismo**

Zagreb é um destino turístico e também um corredor para turistas da Europa Central e da Europa Ocidental em direção ao Adriático. Apesar dos muitos museus, galerias e monumentos, vários turistas não passam por Zagreb, indo diretamente para as praias do Mar Adriático e as cidades históricas de Dubrovnik, Šibenik, Zadar e outras. É um centro de tráfego importante, com conexões ferroviárias, rodoviárias e aéreas com as grandes cidades europeias e com as praias croatas.

A parte histórica da cidade, com a Cidade Alta e Kaptol, é a principal atração, com edifícios históricos, igrejas, instituições, restaurantes e cafés. As ruas e praças ali podem ser alcançadas a pé, a partir da praça Ban Jelačić, ou por meio de um funicular saindo da rua Tomićeva.



## Roma

(em italiano: Roma [ˈroːma] (escutar<sup>(i)</sup>)) é a capital da Itália e também da região do Lácio, além de ser o centro da Cidade Metropolitana de Roma e de uma comuna especial. Com 2 860 009 residentes em 1 285 km<sup>2</sup>,<sup>[1]</sup> Roma é a comuna mais populosa do país e a terceira cidade mais populosa da União Europeia. A Cidade Metropolitana de Roma, com uma população de 4 355 725 habitantes, é a cidade metropolitana mais populosa da Itália<sup>[2]</sup> e sua área metropolitana é a terceira mais populosa do país.<sup>[3]</sup> A cidade está localizada na porção centro-oeste da Península Itálica, ao longo das margens do rio Tibre. A Cidade do Vaticano (o menor país do mundo)<sup>[4]</sup> é um país independente dentro dos limites da cidade de Roma, o único exemplo existente de um país dentro de uma cidade no mundo. Roma é muitas vezes referida como a "Cidade das Sete Colinas" devido à sua localização geográfica, e também como a "Cidade Eterna", por conta de sua longa história, e porque ele inicia como uma cidade, mas depois ela se torna em um império.<sup>[5]</sup> Roma é geralmente considerada o "berço da cultura e da civilização ocidental e cristã" e o centro da Igreja Católica.<sup>[6][7][8]</sup>



A história de Roma abrange 28 séculos. Apesar da mitologia romana datar a fundação de Roma por volta de 753 a.C., o local é habitado há muito mais tempo, tornando-se um importante assentamento humano por quase três milênios e uma das mais antigas cidades continuamente ocupadas da Europa. A população inicial da cidade originou-se de uma mistura de latinos, etruscos e sabinos. Eventualmente, a cidade tornou-se sucessivamente a capital do Reino Romano, da República Romana e do Império Romano, sendo considerada por muitos como a primeira cidade e metrópole imperial.<sup>[9]</sup> Foi chamada pela primeira vez de "Cidade Eterna" (em latim: Urbs Aeterna; em italiano: La Città Eterna) pelo poeta romano Tibulo no século I a.C. e a expressão também foi adotada por Ovídio, Virgílio e Lívio.<sup>[10][11]</sup> Roma também é chamada de "Caput Mundi" (Capital do Mundo).

Após a queda do Império Romano do Ocidente, que marcou o início da Idade Média, Roma caiu lentamente sob o controle político do Papado e, no século VIII, tornou-se a capital dos Estados Papais, que duraram até 1870. A partir do Renascimento, quase todos os papas desde Nicolau V (1447–1455) seguiram um programa arquitetônico e urbano coerente ao longo de quatrocentos anos, visando tornar a cidade o centro artístico e cultural do mundo.<sup>[12]</sup> Desta forma, Roma tornou-se primeiro um dos principais centros do período renascentista<sup>[13]</sup> e depois o berço do estilo barroco e do neoclassicismo. Artistas, pintores, escultores e arquitetos famosos fizeram de Roma o centro de sua atividade, criando obras-primas por toda a cidade. Em 1871, Roma tornou-se a capital do Reino da Itália, que, em 1946, tornou-se a República Italiana.

Em 2019, Roma foi a 11ª cidade mais visitada do mundo, com 10,1 milhões de turistas, a terceira mais visitada na União Europeia e o destino turístico mais popular da Itália.<sup>[14]</sup> O seu centro histórico está classificado pela UNESCO como um Patrimônio Mundial.<sup>[15]</sup> Cidade-sede dos Jogos Olímpicos de Verão de 1960, Roma é também a sede de várias agências especializadas das Nações Unidas, como a Organização das

Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), o Programa Alimentar Mundial (PAM) e o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA). A cidade também abriga a Secretaria da Assembleia Parlamentar da União para o Mediterrâneo (UpM),[16] bem como a sede de muitas empresas internacionais, como Eni, Enel, TIM, Leonardo S.p.A., e bancos nacionais e internacionais, como Unicredit. O distrito de negócios EUR de Roma é o lar de muitas empresas da indústria petrolífera, farmacêutica e de serviços financeiros. A presença de renomadas marcas internacionais na cidade fez de Roma um importante centro de moda e design, e os estúdios Cinecittà foram cenário de muitos filmes vencedores do Oscar.[17]

## **Etimologia**

De acordo com o mito fundador da cidade dos próprios romanos antigos,[18] acredita-se que a longa tradição da origem do nome "Roma" venha do fundador e do primeiro rei da cidade, Rômulo.[19]

No entanto, é uma possibilidade que o nome Rômulo tenha sido derivado da própria Roma. Já no século IV, havia teorias alternativas propostas sobre a origem do nome da cidade. Várias hipóteses foram lançadas com foco em raízes linguísticas incertas:[20]

De Rumon ou Rumen, nome arcaico do rio Tibre, que por sua vez tem a mesma raiz do verbo grego ῥέω (rhèō) e do verbo latino ruo, que significam "fluxo";[21]

Da palavra etrusca ruma, cuja raiz é \*rum-"tetina", com possível referência à loba que adotou e amamentou os gêmeos Rômulo e Remo, ou à forma dos montes Palatino e Aventino;

Da palavra grega ῥώμη (rhōmē), que significa "força";[22]

Na Bíblia (em Gênesis) o irmão de Abraão, Nacor, tinha uma concubina chamada Roma.

A origem do nome da divindade protetora de Roma é desconhecida. Provavelmente com a finalidade dos romanos se protegerem contra a fórmula que utilizavam antes de atacar as cidades inimigas; invocando o nome dessa divindade em seu benefício. Segundo os textos antigos o nome místico de Roma, Amor[23] não podia ser reproduzido publicamente.

## **História**

Afiliações históricas

Reino de Roma c. ----- 753–509 a.C.

República Romana -----509–27 a.C.

Império Romano ----- 27 a.C.–395 d.C.

Império Romano do Ocidente ----- 286–476

Reino da Itália -----476–493

Reino Ostrogótico -----493–536

Império Romano do Oriente -----536–546

Reino Ostrogótico -----	546–547
Império Romano do Oriente -----	547–549
Reino Ostrogótico -----	549–552
Império Romano do Oriente -----	552–751
Reino Lombardo -----	751–756
Estados Pontifícios -----	756–1798
República Romana -----	1798–1799
Estados Pontifícios -----	1799–1809
Império Francês -----	1809–1814
Estados Pontifícios -----	1814–1849
República Romana -----	1849
Estados Pontifícios -----	1849–1870
Reino da Itália -----	1870–1943
Itália República Social Italiana -----	1943–1944
Reino da Itália -----	1944–1946
República Italiana -----	1946–presente

## **Fundação**

Há evidências arqueológicas de ocupação humana da área de Roma há aproximadamente 14 000 anos, mas a camada densa de detritos muito mais jovens obscurece os sítios paleolíticos e neolíticos.[24] Evidências de ferramentas de pedra, cerâmica e armas de pedra atestam cerca de 10 000 anos de presença humana. Várias escavações apoiam a visão de que Roma cresceu a partir de assentamentos pastorais no monte Palatino, construído acima da área que viria a se tornar o Fórum Romano. Entre o final da era do bronze e o início da era do ferro, cada colina entre o mar e o Capitólio era coberta por uma vila (no Capitólio, uma aldeia é atestada desde o final do século XIV a.C.).[25] No entanto, nenhuma delas ainda tinha uma característica urbana.[25]

Atualmente, existe um amplo consenso de que a cidade nasceu gradualmente através da agregação ("sinecismo") de várias aldeias ao redor do maior, localizadas acima do Palatino.[25] Esta agregação, que sinaliza a passagem de uma situação proto-urbana para uma situação urbana, foi permitida pelo aumento da produtividade agrícola acima do nível de subsistência, o que permitiu o estabelecimento de atividades secundárias e terciárias: por sua vez, isso impulsionou o desenvolvimento do comércio com as colônias gregas do sul da Itália (principalmente Ísquia e Cumas).[25] Todos esses acontecimentos, que de acordo com as escavações arqueológicas ocorreram mais ou menos em meados do século VIII a.C., podem ser considerados como o "nascimento" da cidade.[25] Apesar das recentes escavações na colina do Palatino, a visão de que Roma foi fundada propositalmente em meados do século VIII a.C., como

a lenda sugere (a data da tradição de Rômulo), continua a ser uma hipótese marginal.[26]

#### Lenda da fundação de Roma

#### Loba Capitolina amamenta os gêmeos Rômulo e Remo

As histórias tradicionais transmitidas pelos próprios antigos romanos explicam a história mais antiga de sua cidade em termos de lendas e mitos. O mais familiar desses mitos, e talvez o mais famoso de todos os mitos romanos, é a história de Rômulo e Remo, os gêmeos que foram amamentados por uma loba.[18] Eles decidiram construir uma cidade, mas depois de uma discussão, Rômulo matou seu irmão e a cidade tomou seu nome. De acordo com os análogos romanos, isso aconteceu em 21 de abril de 753 a.C..[27] Esta lenda tinha que ser reconciliada com uma tradição dupla, estabelecida anteriormente, que o refugiado de Troia, Eneias, escapou para a Itália e criou a linhagem dos romanos através de seu filho Lulo, o homônimo da dinastia júlio-claudiana.[28]

### Monarquia e república

O Fórum Romano foi durante a maior parte do período da Roma Antiga o centro político, jurídico, religioso e econômico da cidade e o centro nevrálgico de toda a civilização romana[29]

Após a lendária fundação por Rômulo,[30] Roma foi governada por um período de 244 anos por um sistema monárquico, inicialmente com soberanos de origem latina e sabina, mais tarde por reis etruscos. A tradição transmitiu sete reis: Rômulo, Numa Pompilius, Tullus Hostilius, Ancus Marcius, Tarquinius Priscus, Servius Tullius e Tarquínio, o Soberbo.[30]

Em 509 a.C., os romanos expulsaram o último rei de sua cidade e estabeleceram uma república oligárquica. Roma então começou um período caracterizado por lutas internas entre patrícios (aristocratas) e plebeus (pequenos proprietários de terras), e por constantes guerras contra as populações da Itália central: etruscos, latinos, volscos, équos e marsos.[31] Depois de se tornar mestre do Lácio, Roma liderou várias guerras (contra os gauleses, osci-samnitas e a colônia grega de Taranto, aliada de Pirro, rei de Epiro) cujo resultado foi a conquista da península italiana, da área central até a Magna Grécia.[32]



Os séculos III e II a.C. testemunharam o estabelecimento da hegemonia romana sobre o Mediterrâneo e os Bálcãs, por meio das três Guerras Púnicas (264–146 a.C.) contra a cidade de Cartago e as três guerras romano-macedônicas (212–168 a.C.) contra a Macedônia.[33] As primeiras províncias romanas foram estabelecidas nesta época: Sicília, Córsega e Sardenha, Hispânia, Macedônia, Acaia e África.[34]

A morte de César, por Vincenzo Camuccini, na Galeria Nacional de Arte Moderna e Contemporânea, Roma

Desde o início do século II a.C., o poder era disputado entre dois grupos de aristocratas: os optimates, representando a parte conservadora do Senado, e os populares, que contavam com a ajuda da plebe (classe baixa urbana) para conquistar o poder. No mesmo período, a falência dos pequenos fazendeiros e o estabelecimento de grandes propriedades escravistas causaram a migração em grande escala para a cidade. A guerra contínua levou ao estabelecimento de um exército profissional, que se

revelou mais leal aos generais do que à república. Por isso, na segunda metade do século II e durante o século I a.C. ocorreram conflitos internos e externos: após a tentativa fracassada de reforma social dos populares Tibério e Caio Graco,[35] e a guerra contra Jugurta,[35] houve uma primeira guerra civil entre Caio Mário e Sula.[35] Seguiu-se uma grande revolta de escravos sob a liderança de Espártaco[36][36] e, em seguida, o estabelecimento do Primeiro Triunvirato com César, Pompeu e Crasso.[36]

A conquista da Gália tornou César imensamente poderoso e popular, o que levou a uma segunda guerra civil contra o Senado e Pompeu. Após sua vitória, César se estabeleceu como ditador perpétuo.[36] Seu assassinato levou a um Segundo Triunvirato entre Otaviano (sobrinho-neto e herdeiro de César), Marco Antônio e Lépido, e a outra guerra civil entre Otaviano e Antônio.[37]

## Império

O Império Romano em sua maior extensão no ano 117, aproximadamente 6,5 milhões de quilômetros quadrados de superfície terrestre

Em 27 a.C., Otaviano tornou-se *princeps civitatis* (Primeiro Cidadão do Estado) e recebeu o título de Augusto, fundando o principado, uma diarquia entre o príncipe e o Senado.[37] Durante o reinado de Nero, dois terços da cidade foram arruinados após o Grande Incêndio de Roma e a perseguição aos cristãos começou.[38][39][40] Roma foi estabelecida como um império de facto, que alcançou sua maior expansão no século II sob o imperador Trajano. Roma



foi confirmada como *caput Mundi*, ou seja, a capital do mundo conhecido, expressão que já havia sido usada no período republicano. Durante seus primeiros dois séculos, o império foi governado por imperadores das dinastias júlio-claudiana,[41] flaviana (que também construiu um anfiteatro homônimo, conhecido como o Coliseu)[41] e nerva-antonina.[42]

Esta época também foi caracterizada pela disseminação do cristianismo, pregado por Jesus Cristo na Judeia na primeira metade do século I (sob Tibério) e popularizada por seus apóstolos através do império e além.[43] A era antonina é considerada o apogeu do Império, cujo território ia do Oceano Atlântico ao Eufrates e da Grã-Bretanha ao Egito.[42]

Após o fim da Dinastia Severa em 235, o Império entrou em um período de 50 anos conhecido como a Crise do Terceiro Século, durante o qual ocorreram numerosos golpes de generais, que buscaram assegurar a região do império que lhes foi confiada devido à fraqueza da autoridade central em Roma. Após a abdicação de Diocleciano e Maximiano em 305 e uma série de guerras civis entre pretendentes rivais ao poder imperial, durante os anos 306–313, a Tetrarquia foi abandonada.[44]

Constantino, o Grande, empreendeu uma grande reforma da burocracia, não mudando a estrutura, mas racionalizando as competências dos diversos ministérios durante os anos 325–330, após derrotar Licínio, imperador no Oriente, no final de 324. O Édito de Milão de 313, na verdade um fragmento de uma carta de Licínio aos governadores das províncias orientais, concedeu liberdade de culto a todos, incluindo os cristãos, e ordenou a restauração das propriedades da Igreja confiscadas mediante petição aos vigários recém-criados de dioceses.



Ele financiou a construção de várias igrejas e permitiu que o clero atuasse como árbitro em processos civis (uma medida que não durou além de seu reinado, mas que foi parcialmente restaurada muito mais tarde). Ele transformou a cidade de Bizâncio em sua nova residência, que, no entanto, não era oficialmente nada mais do que uma residência imperial como Milão, Trier ou Nicomédia, até que foi dada a um prefeito em maio de 359 por Constâncio II; Constantinopla.[45]

### Queda do Império Romano

O cristianismo na forma do Credo Niceno se tornou a religião oficial do império em 380, por meio do Édito de Tessalônica emitido em nome de três imperadores — Graciano, Valentiniano II e Teodósio I — com Teodósio claramente a força motriz por trás dele. Ele foi o último imperador de um império unificado: após sua morte em 395, seus filhos, Arcádio e Honório dividiram o império em uma parte ocidental e uma parte oriental. A sede do governo no Império Romano Ocidental foi transferida para Ravena após o Cerco de Milão em 402. Durante o século V, os imperadores da década de 430 residiam principalmente na capital, Roma.[45]



O Saque de Roma em 410, perpetrado pelos visigodos, foi a primeira vez em 800 anos que a capital romana caiu para um inimigo estrangeiro

Roma, que havia perdido seu papel central na administração do império, foi saqueada em 410 pelos visigodos liderados por Alarico I,[46] mas muito poucos danos físicos foram causados, a maioria dos quais reparados. O que não podia ser substituído tão facilmente eram itens portáteis, como obras de arte em metais preciosos e itens de uso doméstico. Os papas embelezaram a cidade com grandes basílicas, como a Basílica de Santa Maria Maior (com a colaboração dos imperadores). A população da cidade havia caído de 800 mil para para cerca de 500 mil na época em que a cidade foi saqueada em 455 por Genserico, rei dos vândalos.[47]

Os fracos imperadores do século V não conseguiram impedir a decadência, levando à deposição de Rômulo Augusto em 22 de agosto de 476, que marcou o fim do Império Romano Ocidental e, para muitos historiadores, o início da Idade Média.[45] O declínio da população da cidade foi causado pela perda de embarques de grãos do Norte da África, de 440 em diante, e pela relutância da classe senatorial em manter doações para sustentar uma população grande demais para os recursos disponíveis. Mesmo assim, grandes esforços foram feitos para manter o centro monumental, o palatino e as maiores termas públicas, que continuaram a funcionar até o cerco godo de

537. As grandes Termas de Constantino no Quirinal foram até reparados em 443 e a extensão do dano foi exagerada e dramatizada.[48]

No entanto, a cidade passou a ter uma aparência geral de degradação e decadência por causa das grandes áreas abandonadas devido ao declínio populacional. A população diminuiu para 500 mil em 452 e para 100 mil no ano 500 (talvez mais, embora nenhum número possa ser comprovado). Após o cerco gótico de 537, a população caiu para 30 mil pessoas, mas aumentou para 90 mil no papado de Gregório, o Grande.[49] O declínio demográfico coincidiu com o colapso geral da vida urbana no Ocidente nos séculos V e VI, com poucas exceções. As distribuições de grãos subsidiadas pelo Estado para os membros mais pobres da sociedade continuaram até o século VI e provavelmente impediram que a população caísse ainda mais.[50] A cifra de 450–500 mil é baseada na quantidade de carne de porco, 3 629 000 libras distribuído aos romanos mais pobres durante cinco meses de inverno, a uma taxa de cinco libras romanas por pessoa por mês, o suficiente para 145 mil pessoas ou 1/4 ou 1/3 da população total.[51]

### **Idade Média**

O bispo de Roma, chamado Papa, foi importante desde os primeiros dias do cristianismo por causa do martírio dos apóstolos Pedro e Paulo ali. Os bispos de Roma também eram vistos (e ainda são vistos pelos católicos) como os sucessores de Pedro, que é considerado o primeiro bispo de Roma. A cidade tornou-se assim cada vez mais importante como centro da Igreja Católica. Após a queda do Império Romano do Ocidente em 476, Roma ficou primeiro sob o controle de Odoacro e depois tornou-se parte do Reino Ostrogótico antes de retornar ao controle romano oriental após a Guerra Gótica, que devastou a cidade em 546 e 550. Sua população diminuiu de mais de um milhão em 210, para 500 mil em 273[52] e 35 mil após a Guerra Gótica (535–554),[53] reduzindo a extensa cidade a grupos de edifícios habitados intercalados entre grandes áreas em ruínas, cobertas por vegetação, vinhas e hortas comerciais.[54] É geralmente considerado que a população da cidade até o ano 300 era de 1 milhão (as estimativas variam de 2 milhões a 750 mil) diminuindo para 800 mil em 400, 500 mil em 450 e para 100 mil no ano 500 (embora pode ter sido o dobro disso).[55]



Após a invasão lombarda da Itália, a cidade permaneceu nominalmente bizantina, mas na realidade, os papas seguiram uma política de equilíbrio entre os bizantinos, os francos e os lombardos.[56] Em 729, o rei lombardo Liuprando doou a cidade de Sutri ao norte do Lácio para a Igreja, o que deu início ao seu poder secular.[56] Em 756, Pepino, o Breve, após ter derrotado os lombardos, deu ao Papa jurisdição secular sobre o Ducado Romano e o Exarcado de Ravena, criando assim os Estados Papais.[56] Desde esse período, três poderes tentaram governar a cidade: o papa, a nobreza (junto com os chefes das milícias, os juizes, o Senado e a população) e o rei franco.[56] Esses três partidos (teocrático, republicano e imperial) foram uma característica da vida romana durante toda a Idade Média.[56] Na noite de Natal de 800, Carlos Magno foi coroado em Roma imperador do Sacro Império Romano-Germânico pelo Papa Leão III: nessa ocasião, a cidade acolheu pela primeira vez as duas potências cuja luta pelo controle seria uma constante medieval.[56]

Visualização de detalhes de uma ilustração de Rafael retratando a coroação de Carlos Magno na Antiga Basílica de São Pedro, em 25 de dezembro de 800



Em 846, árabes muçulmanos invadiram sem sucesso as muralhas da cidade, mas conseguiram saquear as basílicas de São Pedro e São Paulo, ambas fora das muralhas da cidade.[57] Após a decadência do poder carolíngio, Roma foi vítima do caos feudal: várias famílias nobres lutavam contra o papa, o imperador e entre si. Esses foram os tempos de Teodora e sua filha Marózia, concubinas e mães de vários papas, e de Crescêncio II, um poderoso senhor feudal, que lutou contra os imperadores Otão II e Otão III.[58] Os escândalos desse período forçaram o papado a se reformar: a eleição do papa foi reservada aos cardeais e tentou-se a reforma do clero. A força motriz por trás dessa renovação foi o monge Hildebrando Soana, que uma vez eleito papa sob o nome de Gregório VII, envolveu-se na Controvérsia da Investidura contra o imperador Henrique IV.[58] Posteriormente, Roma foi saqueada e incendiada pelos normandos sob o comando de Roberto de Altavila, que havia entrado na cidade em apoio ao Papa e então o sitiou no Castelo de Santo Ângelo.[58]



Durante este período, a cidade era governada de forma autônoma por um senatore ou patrizio. No século XII, esta administração, como outras cidades europeias, evoluiu para a comuna, uma nova forma de organização social controlada pelas novas classes abastadas.[58] O Papa Lúcio II lutou contra a Comuna Romana e a luta foi continuada por seu sucessor, o Papa Eugênio III: nesta fase, a comuna, aliada à aristocracia, era apoiada por Arnaldo de Bréscia, um monge que era um reformador religioso e social.[59] Após a morte do papa, Arnaldo foi feito prisioneiro pelo Papa Adriano IV, o que marcou o fim da autonomia da comuna.[59] Sob o Papa Inocêncio III, cujo reinado marcou o apogeu do papado, a comuna dissolveu o senado e o substituiu por um senador, que estava sujeito ao papa.[59]

Neste período, o papado desempenhou um papel de importância secular na Europa Ocidental, muitas vezes agindo como árbitro entre monarcas cristãos e exercendo poderes políticos adicionais.[60][61]

Em 1266, Carlos de Anjou, que estava indo para o sul para lutar contra os Hohenstaufen em nome do papa, foi nomeado senador. Carlos fundou a Sapienza, a universidade de Roma.[59] Nesse período morreu o papa e os cardeais, convocados em Viterbo, não chegaram a um acordo sobre seu sucessor. Isso enfureceu o povo da cidade, que então destrancou o prédio onde se encontraram e os prenderam até que nomearam o novo papa; isso marcou o nascimento do conclave.[59] Neste período, a cidade também foi destruída por contínuas lutas entre as famílias aristocráticas: Annibaldi, Caetani, Colonna, Orsini, Conti, aninhados em suas fortalezas construídas acima de edifícios romanos antigos, lutaram entre si para controlar o papado.[59]

O Papa Bonifácio VIII, nascido Caetani, foi o último papa a lutar pelo domínio universal da Igreja; ele proclamou uma cruzada contra a família Colonna e, em 1300, convocou o primeiro Jubileu, que trouxe milhões de peregrinos a Roma.[59] No entanto, suas esperanças foram destruídas pelo rei francês Filipe, o Belo, que o fez prisioneiro e o matou em Anagni.[59] Posteriormente, um novo papa fiel aos franceses foi eleito e o papado foi brevemente transferido para Avinhão (1309–1377).[62] Durante este período, Roma foi abandonada, até que um homem plebeu, Cola di Rienzo, chegou ao poder.[62] Idealista e amante da Roma antiga, Cola sonhava com o renascimento do Império Romano: depois de assumir o poder com o título de tribuno, suas reformas foram rejeitadas pela população.[62] Forçado a fugir, Cola voltou como parte da comitiva do

cardeal Alborno, que foi encarregado de restaurar o poder da Igreja na Itália.[62] De volta ao poder por um curto período, Cola foi logo linchado pela população e Alborno tomou posse da cidade. Em 1377, Roma tornou-se a sede do papado novamente sob o Papa Gregório XI.[62] O retorno do papa a Roma naquele ano desencadeou o Cisma Ocidental (1377–1418) e, nos quarenta anos seguintes, a cidade foi afetada pelas divisões que abalaram a Igreja.[62]

## Renascença

Em 1418, o Concílio de Constança estabeleceu o Cisma Ocidental, e um papa romano, Martinho V, foi eleito.[62] Isso trouxe para Roma um século de paz interna, que marcou o início do Renascimento. [61] Os papas governantes até a primeira metade do século XVI, de Nicolau V, fundador da Biblioteca do Vaticano, a Pio II, humanista e letrado, de Sisto IV, um papa guerreiro, a Alexandre VI, imoral e nepotista, de Júlio II, soldado e patrono, a Leão X, que deu seu nome a este período ("o século de Leão X"), todos devotaram suas energias à grandeza e à beleza da "Cidade Eterna" e ao patrocínio das artes..[62]

Durante esses anos, o centro do Renascimento italiano mudou-se de Florença para Roma. Obras majestosas, como a nova Basílica de São Pedro, a Capela Sistina e a Ponte Sisto (a primeira ponte a ser construída sobre o rio Tibre desde a Antiguidade, embora sobre fundações romanas) foram criadas. Para isso, os Papas contrataram os melhores artistas da época, incluindo Michelangelo, Perugino, Rafael, Ghirlandaio, Luca Signorelli, Botticelli e Cosimo Rosselli.

O período também foi famoso pela corrupção papal, com muitos papas sendo pais de filhos e praticando nepotismo e simonia. A corrupção dos papas e os enormes gastos com seus projetos de construção levaram, em parte, à Reforma e, por sua vez, à Contrarreforma. Sob papas extravagantes e ricos, Roma foi transformada em um centro de arte, poesia, música, literatura, educação e cultura. Roma tornou-se capaz de competir com outras grandes cidades europeias da época em termos de riqueza, grandiosidade, artes, aprendizado e arquitetura. Roma atingiu o ponto mais alto de esplendor sob o Papa Júlio II (1503–1513) e seus sucessores Leão X e Clemente VII, ambos membros da família Médici.

Castelo de Santo Ângelo ou Mausoléu de Adriano, é um monumento romano radicalmente alterado na Idade Média e no Renascimento. Foi construído no ano 134 e coroado com estátuas dos séculos XVI e XVII

Neste período de vinte anos, Roma se tornou um dos maiores centros de arte do mundo. A Antiga Basílica de São Pedro construída pelo imperador Constantino, o Grande[63] (que na época estava em um estado degradado) foi demolida e uma nova foi construída. A cidade recebeu artistas como Ghirlandaio, Perugino, Botticelli e Bramante, que construíram o templo de San Pietro in Montorio e planejaram um grande projeto de reforma do Vaticano. Rafael, que em Roma se tornou um dos pintores mais famosos da Itália, criou afrescos na Villa Farnesina, nas Salas de Rafael, além de muitas



outras pinturas famosas. Michelangelo iniciou a decoração do teto da Capela Sistina e executou a famosa estátua de Moisés para o túmulo de Júlio II.

Sua economia era rica, com a presença de vários banqueiros toscanos, entre eles Agostino Chigi, que era amigo de Rafael e patrono das artes. Antes de sua morte precoce, Rafael também promoveu pela primeira vez a preservação das antigas ruínas. A Guerra da Liga de Cognac causou o primeiro saque da cidade em mais de quinhentos anos desde o saque anterior; em 1527, os lansquenetes do imperador Carlos V saquearam a cidade, trazendo um fim abrupto à era de ouro do Renascimento em Roma.[62]

Começando com o Concílio de Trento em 1545, a Igreja deu início à Contrarreforma em resposta à Reforma Protestante, um questionamento em grande escala da autoridade da Igreja em assuntos espirituais e governamentais. Essa perda de confiança levou a grandes mudanças de poder na Igreja.[62] Sob os papas de Pio IV a Sisto V, Roma se tornou o centro de um catolicismo reformado e viu a construção de novos monumentos que celebravam o papado.[64] Os papas e cardeais do século XVII e início do século XVIII continuaram o movimento, enriquecendo a paisagem da cidade com edifícios barrocos.[64]

Esta foi outra era nepotista; as novas famílias aristocráticas (Barberini, Pamphili, Chigi, Rospigliosi, Altieri, Odescalchi) foram protegidas por seus respectivos papas, que construíram enormes edifícios barrocos para seus parentes.[64] Durante o Iluminismo, novas ideias chegaram à "Cidade Eterna", onde o papado apoiou estudos arqueológicos e melhorou o bem-estar do povo.[62] Mas nem tudo correu bem para a Igreja durante a Contrarreforma. Houve retrocessos nas tentativas de afirmar o poder da Igreja, um exemplo notável foi em 1773, quando o Papa Clemente XIV foi forçado por poderes seculares a suprimir a ordem dos jesuítas.[62]

### **Período contemporâneo**

O governo dos papas foi interrompido pela breve República Romana (1798–1800), que foi estabelecida sob a influência da Revolução Francesa. Os Estados Papais foram restaurados em junho de 1800, mas durante o reinado de Napoleão, Roma foi anexada ao Primeiro Império Francês. Após a queda de Napoleão, os Estados Papais foram reconstituídos por uma decisão do Congresso de Viena de 1814.



Em 1849, uma segunda República Romana foi proclamada durante as Revoluções de 1848. Duas das figuras mais influentes da Unificação Italiana, Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi, lutaram pela república de curta duração.

Roma então se tornou o foco das esperanças da reunificação italiana depois que o resto da Itália foi unida como Reino da Itália em 1861 com a capital temporária em Florença. Naquele ano, Roma foi declarada capital da Itália, embora ainda estivesse sob o controle do Papa. Durante a década de 1860, os últimos vestígios dos Estados Pontifícios estavam sob a proteção francesa, graças à política externa de Napoleão III. As tropas francesas estavam estacionadas na região sob controle papal. Em 1870 as tropas francesas foram retiradas devido ao início da Guerra Franco-Prussiana. As tropas italianas conseguiram capturar Roma entrando na cidade por uma brecha perto de Porta Pia. O Papa Pio IX declarou-se prisioneiro no Vaticano. Em 1871, a capital da Itália foi transferida de Florença para Roma.[65] Em 1870 a população da cidade era de 212 mil

habitantes, todos viviam com a área circunscrita pela cidade antiga e, em 1920, a população era de 660 mil. Uma parte significativa vivia fora das muralhas no norte e do outro lado do Tibre, na área do Vaticano.

Logo após a Primeira Guerra Mundial, no final de 1922, Roma testemunhou o surgimento do fascismo italiano liderado por Benito Mussolini, que promoveu uma marcha sobre a cidade. Ele acabou com a democracia em 1926, finalmente declarando um novo Império Italiano e aliando a Itália à Alemanha Nazista em 1938. Mussolini demoliu partes bastante grandes do centro da cidade para construir largas avenidas e praças que deveriam celebrar o regime fascista e o ressurgimento e glorificação da Roma clássica.[66]

O período entre guerras viu um rápido crescimento da população da cidade, que ultrapassou um milhão de habitantes logo após 1930. Durante a Segunda Guerra Mundial, devido aos tesouros de arte e à presença do Vaticano, Roma escapou em grande parte do trágico destino de outras cidades europeias. No entanto, em 19 de julho de 1943, o distrito de San Lorenzo foi bombardeado por forças anglo-estadunidenses, resultando em cerca de 3 mil mortes imediatas e 11 mil feridos, dos quais 1 500 morreram. Mussolini foi preso em 25 de julho de 1943. Na data do Armistício de Cassibile, 8 de setembro de 1943, a cidade foi ocupada pelos alemães. O Papa declarou Roma uma cidade aberta. Ela foi libertada em 4 de junho de 1944.[67][68]

Roma se desenvolveu muito após a guerra como parte do "milagre econômico italiano" da reconstrução e modernização do pós-guerra nos anos 1950 e início dos 1960. Durante este período, os anos de la dolce vita ("a doce vida"), Roma se tornou uma capital da moda, com filmes clássicos populares como Ben-Hur, Quo Vadis, Roman Holiday e La Dolce Vita filmados nos icônicos estúdios Cinecittà. A tendência de aumento no crescimento populacional continuou até meados da década de 1980, quando a comuna tinha mais de 2,8 milhões de residentes. Depois disso, a população diminuiu lentamente à medida que as pessoas começaram a se mudar para os subúrbios próximos.

## **Geografia**

### **Topografia e localização**

O núcleo do sistema urbano desenvolve-se ao longo do rio Tibre, em pequenos relevos no meio dos quais se encontra a ilha Tiberina. Tanto à esquerda como à direita do rio encontram-se relevos de pouca expressão, restos do antigo aparelho vulcânico designado de Vulcão Lacial, como os montes Tiburtinos e os montes Prenestrinos.

Em termos de altitude, a zona varia entre os 13 m ao nível médio do mar da Praça do Povo e os 120 m do Monte Mário.[69] Roma é atravessada ainda por outro rio, o Aniene, que conflui no Tibre ainda em território urbano. As margens do Aniene estão protegidas sob estatuto de parque natural.



A comuna de Roma tem limites com as comunas de Albano Laziale, Anguillara Sabazia, Ardea, Campagnano di Roma, Castel Gandolfo, Castel San Pietro Romano, Ciampino, Colonna, Fiumicino, Fonte Nuova, Formello, Frascati, Galliciano nel Lazio,

Grottaferrata, Guidonia Montecelio, Marino, Mentana, Monte Porzio Catone, Monte Compatri, Monterotondo, Palestrina, Poli, Pomezia, Riano, Sacrofano, San Gregorio da Sassola, Tivoli, Trevignano Romano, Zagarolo.

## Clima

Roma é caracterizada por seu clima mediterrânico (Classificação climática de Köppen: Csa), com invernos suaves e úmidos e verões quentes e secos. Sua temperatura média anual está em cerca de 20 °C durante o dia e 10 °C durante a noite. Em janeiro, o mês mais frio, a temperatura média é de 12 °C durante o dia e de 3 °C à noite. Nos meses mais quentes, julho e agosto, a temperatura média é de 30 °C durante o dia e 18 °C à noite.[70] A temperatura média anual é de cerca de 15 °C.



Dezembro, janeiro e fevereiro são os meses mais frios, com temperaturas médias em torno de 12,5 °C durante o dia e de 3,6 °C à noite. As temperaturas variam geralmente entre 10 e 15 °C durante o dia e entre 3 e 5 °C à noite, mas com períodos mais frios ou mais quentes que ocorrem com frequência. A queda de neve é ocasional — ocorre em quase todos os invernos, geralmente sem acumulação. Grandes nevascas são raras, sendo a última registrada em 2012.[71]